

CRÍTICA REVOLUCIONÁRIA

Revolutionary Criticism

Crit Revolucionária, 2023;3:e001

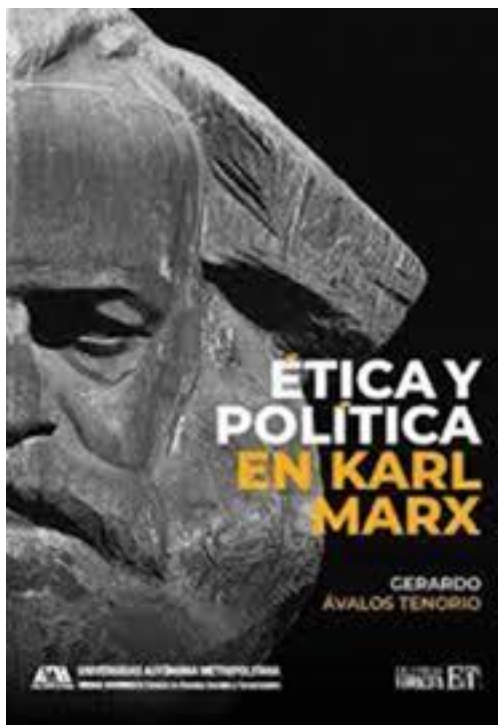
Resenhas

https://doi.org/10.14295/2764-4979/CR_RC.2023.v3.23

Pensamento de Ávalos Sobre a Pertinência Contemporânea da Filosofia Política de Marx

ÁVALOS, GERARDO. ÉTICA Y POLÍTICA EN KARL MARX.

MÉXICO: UNIVERSIDAD AUTÓNOMA METROPOLITANA-XOCHIMILCO, EDITORIAL TERRACOTA, 2021.



Áquilas MENDESⁱ  

ⁱ Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Saúde Pública – FSP. São Paulo, SP, Brasil

ⁱⁱ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. São Paulo, SP, Brasil.

Autor de correspondência: Áquilas Mendes aquilasmendes@gmail.com

Recebido: 03 jul 2023

Revisado: 03 jul 2023

Aprovado: 03 jul 2023

Copyright: Artigo de acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC), que permite copiar e redistribuir, remixar, transformar e criar a partir do trabalho, desde que sem fins comerciais. Obrigatória a atribuição do devido crédito.



INTRODUÇÃO

O livro “Ética e Política em Karl Marx”¹ é muito atual e fundamental para refletir sobre a grande contribuição da teoria política trabalhada e proposta por Marx que está implícita em sua crítica à economia política, especialmente na especificidade do momento contemporâneo no que vários autores críticos chamam de “policrise” do capital^{2,3}. A “policrise” tem a confluência e a sobreposição de várias dimensões da crise capitalista: econômica (inflação e depressão), ecológica (clima e pandemia) e geopolítica (guerra e novas divisões internacionais). Apoiar-se no pensamento crítico de Marx é essencial nesse contexto convulsivo.

IDEIA MAIS GERAL: POR QUE LER ESTE LIVRO?

O livro de Gerardo Ávalos, ao nos oferecer a profunda contribuição de Marx, não por meio de uma perspectiva econômica de seu pensamento, mas, sobretudo, na valorização de sua fonte político-filosófica em sua crítica à economia política, reforça o entendimento desse filósofo de Trier - como Gerardo menciona - sobre a compreensão da sociedade moderna, sua lógica estruturante, sua organização mundial e suas contradições.

O livro ilumina adequadamente a compreensão desses tempos turbulentos do capital e nos permite ter a lucidez para enfrentá-los. Tal enfrentamento não pode cair na armadilha da esquerda (liberal), que aposta em uma solução única do Estado, por meio de suas políticas públicas, como forma de resolver esses problemas.

Particularmente nessa questão, Ávalos aprofunda a compreensão da essência desse Estado, precisamente, a dedução da “forma-Estado” da “forma-valor”, o que demonstra a ligação entre a

lógica de Hegel e a lógica da crítica da economia política. Ao compreender a “forma-Estado” nesse contexto, ele mostra que seu movimento está ligado a todo o movimento do capital. Ou seja: entender essa essência é fundamental para perceber os limites das políticas públicas, por exemplo. Portanto, não há solução por meio dessa aposta, pois há uma relação orgânica entre o capital e o Estado. É nisso que Ávalos insiste em seu argumento mais geral.

Tudo isso fica mais claro no contexto da forma política estatal, sob os novos tipos de fascismos que emergem no cenário contemporâneo, em alguns países, em que Capital e Estado se articulam para garantir a necessidade desse movimento reprodutivo cada vez mais violento sobre a exploração da classe trabalhadora (expropriação de seus direitos) no ambiente de crise.

Como sabemos, de forma sintética, a obra de Marx se articula em torno de três eixos principais: 1) o método dialético; 2) a teoria do valor trabalho; 3) a perspectiva da revolução. Todos esses eixos são discutidos por Ávalos ao longo de seu livro, mas sob enfoques criativos e brilhantes. Para enfatizar aqui pelo menos o terceiro eixo, Ávalos ressalta já na introdução de seu livro que, embora o impulso de transformar o mundo, ao longo dos estudos de Marx, tenha sido moderado, nunca foi descartado. Para exemplificar uma preocupação de Marx em seus escritos de juventude, Ávalos nos lembra da décima primeira tese sobre Feuerbach: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de maneiras diferentes; trata-se de transformá-lo”¹⁽¹⁵⁾. E se seguirmos sua obra mais madura, em “O Capital”^{4,5,6}, Marx revela a lógica do movimento do capital, sob a forma de valor, com sua forte crítica a esse processo, especificando como nos traz Ávalos em seu capítulo 2: crítica à cisão do mundo moderno, crítica à alienação, crítica ao fetichismo, crítica à reificação, crítica ao despotismo, etc.

Todas essas dimensões, especialmente a crítica da forma-valor, podem nos assegurar a força de sua perspectiva revolucionária para transformar essa forma cruel de vida, como Ávalos nos lembra, uma “vida roubada”.

Assim, Ávalos deixa claro que, por meio de Marx, podemos entender o mundo contemporâneo mais violento, com uma ordem geopolítica global determinada por grupos de poder mais concentrados. Por isso, Marx⁴ nos oferece a perspectiva da revolução social, sempre visando à emancipação humana.

A ESTRUTURA DO LIVRO MERECE ATENÇÃO

Para garantir um fio condutor sobre o caráter revolucionário da contribuição de Marx, valorizando sua ética e sua política, Ávalos traça um caminho muito articulado ao longo de seus oito capítulos, oferecendo um itinerário de leitura e reflexão cada vez mais agradável e profundo.

Ele começa, no **capítulo 1**, explicando a posição filosófica de Marx, marcada pelo materialismo idealista. O tom é provocativo quando ele afirma: “A posição filosófica de Marx é materialista, mas também é idealista”¹⁽²¹⁾. Diz ele: “O ponto de vista filosófico das ideias ou das formas é sempre ‘idealista’, pois é a partir do pensamento e de suas operações de pensar a partir de categorias que se constitui a essência desse amor ao conhecimento. Somente em um nível mais concreto e, de fato, historicamente delimitado, é possível estabelecer uma possível diferença entre ‘idealismo’ e ‘materialismo’ e, mais ainda, estabelecer uma oposição ético-política entre essas ‘concepções de mundo’”¹⁽²¹⁻²²⁾. Ávalos diz que Marx não tem escolha a não ser tirar proveito da dialética hegeliana para descobrir a realidade do invisível do valor e dos processos relacionais e relações processuais. Sem isso, ou seja, sem a complexa relação entre o pensamento de Marx e a filosofia de Hegel, a lógica do desenvolvimento do capital não pode ser compreendida. Ávalos insiste nesse ponto.

A partir daí, no **capítulo 2**, intitulado “Da ética à política”, ele passa pela identificação de sua crítica a Hegel como economia política, até a valorização da política de emancipação. Ávalos ressalta: “o significado profundo da revolução de Marx é a emancipação humana como um processo no qual ‘mudar as circunstâncias coincide com mudar a si mesmo’”¹⁽⁵⁷⁾.

Em seguida, deixando clara a profundidade da crítica de Marx, Ávalos passa a examinar, no **capítulo 3**, o documento histórico mais lido no mundo, o “Manifesto do Partido Comunista”. Sua ênfase está na fecundidade ética do Manifesto. Para isso, Ávalos chama a atenção para a “forma do Manifesto”, na qual o ser humano deve estar consciente de seu papel no mundo. Ou seja, segundo Ávalos, o ser humano deve tomar sua vida em suas próprias mãos e se organizar de acordo com a razão, não se deixando levar pela inércia da dominação pela qual o trabalho passou até agora.

Do **capítulo 4** em diante, incluindo os **capítulos 5 e 6**, Ávalos enfatiza a filosofia política de Marx em sua crítica à Economia Política. Ao fazer isso, ele coloca em primeiro plano a concepção política de Marx, que contribui para a leitura política de “O Capital”^{4,5,6}. Ávalos diz: “é uma política em um sentido amplo que abrange a deliberação sobre as formas e os conteúdos da vida em comum, mas condicionada pela necessidade, pela ameaça e pelo risco à reprodução da

própria vida”. Portanto, conclui ele, “essa é a política do capital, que se torna o mundo, torna-se império e, a partir daí, retorna às formas fictícias de ‘economias’ e ‘instituições políticas nacionais’”. Nesse sentido, Ávalos chama a atenção de todos para o fato de que “a separação entre a economia como um espaço não político e a política como um espaço expressamente institucionalizado e encarregado de ser a arena dos acordos liberais, democráticos e republicanos é mantida aqui”¹⁽⁸⁶⁾. Nessa perspectiva, aprendemos com Marx, por meio de Ávalos, que, enquanto o lucro for dominante como fundamento e essência da ordem social, “será indispensável a existência de um espaço especificamente político que condense institucionalmente a participação dos cidadãos nas decisões que os afetam”¹⁽⁸⁷⁾.

Em seguida, em um nível subsequente (**capítulo 5**), Ávalos argumenta que a teoria política de Marx implícita em sua crítica da economia política contribui para o discurso do Estado no processo de produção. Seria melhor falar da “forma-Estado” e identificá-la como uma dedução da forma-valor. É nesse núcleo da forma-valor que se encontra o papel logicamente negativo do Estado, como uma característica essencial da expressão “forma-Estado”. Ávalos ressalta: “o Estado é como um capital negativo (contradição hegeliana), ou seja, ele não busca o lucro para si, mas a reprodução do capital como um todo”¹⁽¹¹³⁾.

Posteriormente, Ávalos, no **capítulo 6**, insiste que a força da filosofia política de Marx expõe criticamente as contradições da modernidade e, portanto, pode ser chamado de pensador transmoderno, buscando contribuir para o debate iniciado por Marshall Berman em seu livro “*All that is solid vanishes into thin air*”, escrito há mais de 30 anos. A análise crítica de Marx sobre o modo de dominação moderno nos permite entender o capital como um processo contraditório de civilização e barbárie. Ávalos diz: “O capital é entendido como um processo contraditório que articula a vida dos seres humanos e constitui sua humanidade, seu caráter civilizado”^{1,(131)}. Mas Ávalos também deixa claro que é importante reconhecer que essa forma de civilização também envolve exploração, dominação e exclusão.

A partir daí, Ávalos continua essa reflexão no **capítulo 7**, no qual mostra que, na concepção de Marx, o capital não é apenas um sistema econômico, mas um modo de civilização que deve ser entendido dialeticamente, além da barbárie. Assim, Ávalos argumenta que é necessário e urgente retornar ao estudo de “O Capital” de Marx^{4,5,6}, reinterpretando-o à luz da evolução da humanidade no século XX. Ao fazê-lo, ele resgata uma das principais criações de Jacques Bidet⁸, filósofo francês, que se refere ao conceito de “metaestrutura”. Com esse conceito, que se refere ao conjunto

de relações estabelecidas por indivíduos livres, iguais e racionais, que não são apenas relações mercantis, mas também jurídico-políticas, é possível compreender muito além da própria estrutura do capital, caracterizada pela exploração, pelo acúmulo de poder e pela estruturação de classes, ...seu caráter bárbaro.

Finalmente, no **capítulo 8**, ele insiste no atual resgate fundamental do projeto filosófico de Marx - tão importante para os dias de hoje -, no qual defende a validade do socialismo ético. Ávalos transmite uma mensagem crucial para os tempos atuais de claros sinais da barbárie capitalista: o socialismo de Marx significa a superação, em termos hegelianos, do liberalismo, bem como da democracia e do republicanismo.

Nessa perspectiva, Ávalos defende neste capítulo sua tese central de que o socialismo de Marx não é uma utopia, mas uma construção filosófica de natureza ética.

INSPIRAÇÕES PARA O LIVRO DE ÁVALOS: ALGUMAS REFLEXÕES DIGNAS DE NOTA

Com a turbulência do capitalismo contemporâneo, torna-se importante refletir sobre sua essência e a persistência de seus problemas. Sobre essa situação, repetidas perguntas estão se tornando **comuns**, especialmente entre aqueles que, como Ávalos, buscam resgatar o socialismo ético de Marx, compreendendo os limites do liberalismo e da democracia republicana, tentando superá-los.

Por que se ater ao diagnóstico “institucional” dos ataques aos direitos sociais em vez de compreender o mundo capitalista? Por que insistir na ideia de que os limites das políticas sociais, por exemplo, decorrem da irresponsabilidade de alguns governos? É possível apostar na construção institucional, nas reformas do Estado de Direito, na restauração do Estado (com instituições democráticas), como alguns países sob governos progressistas estão tentando fazer, como forma de superar a crise atual?

Entendemos que, sem uma reflexão crítica radical sobre essas questões, é praticamente impossível respondê-las de forma simples. Portanto, para realizar uma tarefa de tal magnitude, o pensamento requer uma qualidade transgressora que rompa os limites das análises cotidianas e dos confrontos mais setoriais, como Ávalos nos oferece em seu livro.

Assim, parece-nos importante compreender a teoria política de Marx implícita em sua crítica à economia política, avançando nesses estudos da compreensão da “forma-Estado” em seu vínculo com o movimento do capital, como dedução da forma-valor, como Ávalos a desenvolve.

Por sua vez, é importante mencionar, por exemplo, segundo Ávalos, a crítica a uma “derivação” como a de Mathias e ^{Salama}⁹, de forma mecânica: mercadoria-valor-dinheiro-capital, e então se insere o Estado, desempenhando seu papel de interventor no mundo econômico para ajudar o capital a se reproduzir. Nesse sentido, Ávalos argumenta que, nesse tipo de derivação, não há rigor metodológico que faça o Estado emergir logicamente da forma valor. Para isso, seria necessário passar de uma lógica silogística defendida por Marx para um esquema silogístico em que é necessária uma unidade global sistêmica e total, considerando o monopólio dos processos extraeconômicos.

Ávalos é claro em seus argumentos críticos contra esses autores:

A forma valor se desdobra como um mundo econômico arrastando consigo suas contradições constitutivas que explodem, por lógica, em crises, nas quais, sem dúvida, aparece a necessidade do momento negativo do valor (forma estado), não só porque o capital se desvaloriza em si mesmo, mas sobretudo porque a superação de tal situação exige *um capital* que contradiz sua essência, ou seja, um capital cujo empreendimento não é a obtenção de lucro¹⁽⁹⁰⁾.

Para explicar o papel logicamente negativo do Estado, Ávalos continua:

Não é um capitalista, mas precisamente um capital negativo que cumpre o silogismo hegeliano de ser-em-si, ser-para-si e ser-em-si-e-para-si, ou seja, o entrelaçamento do Uno (o capital que Marx analisou, em geral e em abstrato, como se fosse Uno), o múltiplo (a circulação do capital Uno, mas agora no terreno de ser muitos capitais individuais, até mesmo fragmentados em ações e em competição perene) e, como um terceiro momento, novamente o Um como um capital global, uma totalidade sistêmica autopoietica, capaz de intervir por qualquer meio para manter a unidade total¹⁽⁹⁰⁻⁹¹⁾.

Ávalos argumenta que essa unidade se refere à “forma império” e que dela se deduz a “forma Estado”, o que nos permite entender nossos Estados-nação na periferia do capitalismo, geopoliticamente fracos e subversivos, em geral subordinados aos Estados-nação soberanos dos países capitalistas centrais.

Na busca por uma derivação lógico-ontológica da necessidade do Estado de reproduzir o capital, a contribuição de Ávalos parece ser *sui generis* nesse sentido. Seu interesse está voltado para uma análise lógico-ontológica, baseada na contribuição de Hegel, para descrever a lógica do capital, sob a explicação marxiana da **forma-valor**, e para perceber o Estado (forma-Estado) como

um **processo relacional**, contínuo e cotidiano, que se expressa simultaneamente ao ocultar relações de dominação geradas pela sociabilidade capitalista.

À luz da densa análise de Ávalos, podemos discutir com mais profundidade as questões que têm perturbado persistentemente parte da esquerda latino-americana: se é possível construir instituições democráticas para enfrentar a crise do capitalismo contemporâneo. Ao mesmo tempo, estamos convencidos, com base em Ávalos, de que o Estado, como capital negativo, ou seja, como uma forma política de capital, usa sua institucionalidade, por meio de políticas públicas, para gerenciar a acumulação global de capital.

Por todas essas razões, gostaria de convidar todos a ler essa importante obra, pois ela é um exercício hermenêutico da teoria política de Marx e de sua compreensão do Capital. Essa obra inspira todos a derivar categorias críticas, por exemplo, para entender como o Estado é formado no mundo do Capital e, acima de tudo, para refletir sobre nossos Estados periféricos que são subalternos.

A leitura do livro, embora tenha um fio condutor muito preciso entre os 8 capítulos, cada capítulo pode ser lido individualmente, de acordo com a escolha do leitor. Certamente, esse tipo de leitura também proporcionará o fortalecimento da perspectiva crítica para a compreensão desse capitalismo atual, que, em sua relação dialética entre civilização e barbárie, como argumenta Ávalos, tem se apresentado muito mais por essa última característica.

REFERÊNCIAS

1. Ávalos G. Ética y política en Karl Marx. México: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco; 2021.
2. Roberts M. Polycrisis and depression in the 21st century [Internet]. [local desconhecido]: Michael Roberts Blog, 2023 Jan 5 [citado 23 mar. 2023]. Disponível em: <https://thenextrecession.wordpress.com/2023/01/05/polycrisis-and-depression-in-the-21st-century/>
3. Robinson W. Élite de Davos a la deriva frente a “policrisis” del capitalismo global. La Jornada [Internet]. 2023 Feb 17 [citado 16 abr. 2023]. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/2023/02/05/opinion/011a2pol>
4. Marx K. O capital: contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; 2013. Lv. 1.
5. Marx K. O capital: contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; 2014. Lv. 2.

6. Marx K. O capital: contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; 2017. Lv. 3.
7. Berman M. Todo lo sólido se desvanece en el aire: la experiencia de la modernidad. México: Siglo XXI; 1988.
8. Bidet J. Refundación del marxismo: explicación y reconstrucción de El capital. Santiago de Chile: Lom Ediciones; 2007.
9. Mathias G, Salama P. El estado sobredesarrollado: de las metrópolis al tercer mundo. México: Era, 1986.